

CONVERSA DE MINEIRO

UM MINEIRO EM PORTO DE GALINHAS - PE

DANILO DOS SANTOS PEREIRA

Meu senhor, minha senhora
Atenção, muita atenção,
Porque é chegada a hora
De expor meu coração.
Eu não sou ave canora,
Mas não fujo da canção,
E apesar de ser de fora
Eu não perdi a razão.

Eu não perdi a razão
Nas praias de Pernambuco
Ao ser pego no arrastão
De comprar desde ki-suco
A cachaça e camarão.
Ipojuca e não Tejuco
Lá não tinha tubarão
Senão eu virava eunuco.

Senão eu virava eunuco
(Deus que me livre e me guarde)
Pois um homem sem trabuco,
Não há mulher que ele agrade.
O contrário eu retruco
Porque fica só saudade
Do tempo do "te cutuco"
Toda hora e com vontade.

Toda hora e com vontade,
Tinha alguém pra me vender
Enorme variedade
De ofertas pra valer
E eu ficava em verdade
Tentando me defender
De tanta voracidade.
Era duro, podes crer.

Era duro, podes crer,
Ficar só dizendo não
Vendedor vindo me ver
E eu ali, na contramão
Pondo as pernas pra correr
Sempre em outra direção.
Isso é mesmo de doer,
Mas não vejo solução.

Mas não vejo solução
Pra esse procedimento.
É a luta pelo pão
Que traz o enfrentamento,
Uns moram em barracão
Outros em apartamento,
Uns levam vida de cão
E outros de contentamento.

Outros de contentamento,
Trabalham pelo prazer
De olhar o firmamento
Para Deus reconhecer
A luta pelo sustento
De quem pra sobreviver
Possui somente o talento
De trabalhar pra valer.

De trabalhar pra valer,
Uns sofrem e outros não.
Antes do amanhecer
Alguns pegam condução
E saem para vender
Caminhando nesse chão,
Procurando receber
Cada qual o seu quinhão.

Cada qual o seu quinhão
Deus há sempre de prover
E abençoar sua mão.
Assim é e há de ser,
Pois Dele tem atenção
Quem quer o trabalho ter
Porque o trabalho é a razão
De quem sabe assim viver.

De quem sabe assim viver
Não se pode falar mal,
Quem do trabalho correr
Vai parar num hospital.
Pois é doença querer
Não trabalhar, afinal.
É um banco sem haver,
É um tempero sem sal.

CONVERSA DE MINEIRO

Um MINEIRO EM PORTO DE GALINHAS - PE

DANILO DOS SANTOS PEREIRA

É um tempero sem sal
Agüentar os vendedores
Vendendo discos, varal,
Tecidos, buquês de flores,
Telefone sem ramal,
Analgésicos pra dores,
Alka seltzer, sonrizal,
Tatuagens indolores.

Tatuagens indolores
Ou só a tintura Hena
Na pele de professores
E na pele da morena.
Ambulantes vendedores
Estão sempre entrando em cena,
Produtos de várias cores
Inspirando a cantilena.

Inspirando a cantilena
Do vendedor em ação,
Além da tintura Hena,
Tem cerveja, tem calção,
Tem também martelo e trena,
Tem ainda bermudão,
Perfume para a morena
E disco do Gonzagão.

E disco do Gonzagão
Que é produto originérico,
Pegadinhas do Mussão
Deixando o cabra colérico
Mesmo se for um cagão.
O esforço é mesmo homérico
Pro turista, com razão,
Se sentir um periférico.

Se sentir um periférico
É ser da periferia
E andar de teleférico
De noite e não de dia,
É fazer e não ter mérito,
Ser triste na alegria,
Responder a um inquérito
E da Lei ter alergia.

E da Lei ter alergia,
Eu não sei como é que é.
Mas quase entro em fria
Comendo um acarajé,
Pois a barriga doía
Porém, não perdi a fé
E até mesmo parecia
Que a culpa era do mé.

Que a culpa era do mé,
Não era verdade não,
Pois se comprei um boné
Não quis comprar um pingão.
Preferi um picolé
Pra não perder a razão,
Depois tomei um café
Pra fazer a digestão.

Pra fazer a digestão
Acabei tomando um chá,
Onde espremi um limão.
Tomei também guaraná
E hortelã com açafraão.
Pensando ser um maná,
Quase perco a condução
De volta pra Beagá.

De volta pra Beagá,
Tudo bem, mas com saudade.
Um dia eu volto pra lá
Pra minha felicidade.
Volto para passear
Conforme é minha vontade,
Mesmo que pra pelejar
Com tais vendas na cidade.

Com tais vendas na cidade
Não fiquei aperreado,
Pois confesso e é verdade
Ter ficado acomodado
Com tanta variedade
Desse exclusivo mercado
De roupas e antigüidades
E não me fiz de rogado.

CONVERSA DE MINEIRO

UM MINEIRO EM PORTO DE GALINHAS - PE

DANILO DOS SANTOS PEREIRA

E não me fiz de rogado
Ao comprar quinquilharias
Às quais fui apresentado
Como sendo iguarias,
Mas os valores cobrados
Nunca foram ninharia.
Foi um fato consumado
Que então me consumia.

Que então me consumia
Com chinelos, hidratantes,
A qualquer hora do dia.
Colares, refrigerantes,
Naquela praia havia,
Com sorvete a todo instante,
E a cerveja que eu bebia,
Shampoos, anéis e corantes.

Shampoos, anéis e corantes,
Empadinha, macaxeira,
Só não tinha diamantes
Que na praia é besteira,
Luneta para mirantes,
Sombrinha com a cadeira,
Catuaba pros amantes,
Para o pé, tornozeleira.

Para o pé, tornozeleira,
Sandálias e sacolinhas,
Pra por no braço, pulseira,
Pro pescoço, correntinhas.
Tem de tudo nessa feira
Pra madura e pra mocinha.
Livro de cabeceira
E cadeiras com sombrinhas.

E cadeiras com sombrinhas,
Chuteiras pro futebol,
Botões, carretéis e linhas,
Colírio para o terço.
Peixes fritos e coxinhas
De aumentar colesterol.
Tudo em Porto de Galinhas
Girando em torno do sol.

Girando em torno do sol
Nesse belo litoral,
A Bohemia e a Skol
Não me podem fazer mal.
Na seqüência desse rol,
Lembrei-me agora do sal,
Da toalha, do lençol,
De muito mais, afinal.

De muito mais, afinal,
Tem castanha de caju,
E até corda de varal,
Ninguém fica jururu
Nem também passando mal.
Tem o fubá pro angu,
Rede, água mineral
Das bandas do Pajeú.

Das bandas do Pajeú
Eu não sei se é ou não,
Se não tem surucucu
E nem venda a prestação,
Nem carniça de urubu
Nem pneu de caminhão,
Nem focinho de zebu
E nem água pro sertão.

E nem água pro sertão
Pra muita sede matar,
Só que em compensação
Tinha bugre pra alugar,
Chinelinho, chinelão,
Jangada pra passear,
Pudim, cocada, empadão,
E redes pra balançar.

E redes pra balançar,
Frigideira, caldeirão,
Também protetor solar
Pra passar até na mão,
Este caderno escolar
Onde escrevo este refrão,
Cadeira para sentar,
Remédio pra digestão.

CONVERSA DE MINEIRO

UM MINEIRO EM PORTO DE GALINHAS - PE

DANILO DOS SANTOS PEREIRA

Remédio pra digestão,
Saias, batas de arrasar,
Frutos da região,
Cantoria de improvisar
O verso, a rima e o refrão,
Coco para hidratar
Até mesmo o pulmão.

Até mesmo o pulmão
Para a brisa respirar,
Quase que autorização
Foi necessário comprar.
Eu achei uma aberração
Quando alguém veio esmolar
Ali onde o cidadão,
Se quiser vai trabalhar.

Se quiser vai trabalhar
Nessa terra abençoada
E nada vai lhe faltar.
Mas, sempre de madrugada,
Vai ter de se levantar,
Cada dia, uma empreitada
Que é preciso encarar
Pra vida ser melhorada.

Pra vida ser melhorada,
É preciso trabalhar.
Ficar à toa, é mancada,
A não ser pra descansar.
É vitória de virada
Correr atrás do placar
Com a vida dificultada.

Com a vida dificultada
Não se deve esmorecer,
Sem ter medo de pancada
É que se pode vencer,
Pois a vida é uma salada
Que é preciso comer.
Tristeza não leva a nada,
O melhor é não sofrer.

O melhor é não sofrer
Por coisas pequeninhas.
Trabalhando pra valer
Para ter minhas coisinhas
É que pude conhecer
Vila Porto de Galinhas
Onde pude esparecer
E espantar picuinhas
Pois eu fiz por merecer.

Pois eu fiz por merecer
Livrar-me de ansiedade
Aumentar o meu saber
E ser feliz de verdade
Ao ir me submeter
A tanta praticidade
No exercício do poder
De ungir a felicidade.

De ungir a felicidade
Eu precisei, assim creio,
Sempre na veracidade
Do dito "xô aperreio"
Do sonho à realidade,
Da qual eu não mais apeio
E não aceito, é verdade,
Nem espora, nem arreio.

Nem espora, nem arreio
Não aceita quem trabalha,
Porque o pão sem centeio
Não tem sabor na fomalha,
É sutiã sem o seio,
É general sem batalha,
É aluno sem recreio,
É um banho sem toalha.

É um banho sem toalha
A vida sem trabalhar.
É o abraço da mortalha
Da morte a se antecipar,
É o fio da navalha
Onde não se quer cortar
Pois somente se atrapalha
Quem não sabe o que é lutar.

CONVERSA DE MINEIRO

UM MINEIRO EM PORTO DE GALINHAS - PE

DANILO DOS SANTOS PEREIRA

Quem não sabe o que é lutar,
Da vida sempre se esconde
À procura de um lugar
Sem jamais saber aonde.
Anda sempre devagar
E sempre perdendo o bonde.
A onça, então, que o ronde
Pra poder se alimentar.

Pra poder se alimentar,
Seja assim para o bichano
Que depois de mastigar
Vai arrotar o fulano
E os dentes palitar.
Após esse ato insano,
O felino vai gritar:
Viva o pernambucano!

Viva o pernambucano,
Trabalhador e ordeiro
Que acolhe o sergipano,
O paulista e o mineiro,
O carioca e o baiano,
O gaúcho e o pantaneiro,
O amazonense, o acreano,
Todo o povo brasileiro.

